

LUCAS URURAHY

CATÁLOGO DE OBRAS

Lucas Ururahy (1988) é um artistavisual, multiartista, educador e articulador cultural. Residente em Sepetiba (Zona Oeste do Rio de Janeiro), sua prática é profundamente influenciada por suas raízes como neto de construtor de barcos artesanais e filho de professores. Começou sua trajetória na arte urbana, pichação e muralismo, experiências que fundamentaram sua relação entre corpo, obra e cidade.

Sua pesquisa investiga as relações entre território, memória coletiva e ecologia, frequentemente incorporando materiais de reuso e elementos do entorno natural como redes de pesca, plásticos reciclados e argila local. Obras como a série Sambaqui do Ipiranga e os projetos Tocando o Barco e Sacro Ofício refletem sua abordagem multidisciplinar, que expande a escultura ao integrar performance, arte sonora e video mapping em experiências imersivas.

É fundador e coordenador da residência artística Mariscarte e do Instituto IBÓ (Instituto Bééin Omi). Em sua trajetória educacional, é estudante de Licenciatura em Artes Visuais pela UNIP e egresso do programa Deformação da Escola de Artes Visuais do Parque Lage (2022) e da escola Elã, no Galpão Bela Maré (2019).





Site : www.lucasururahy.com

Instagram: Lucas.Ururahy

Email: Lucas.ururahy@gmail.com

Telefone: 21 997804295



Série: "**MERGULHA
NA PROPRIA
HISTÓRIA**"

PARQUE LAGE

"Mergulha na própria história" é uma série de trabalhos em contínua construção, iniciada em 2022 pelo artista Lucas Ururahy, fundamentada em sua pesquisa como artista visual, documentarista e morador de Sepetiba, no extremo oeste do Rio de Janeiro. A investigação se desenvolve a partir de um mapeamento sensível que cruza um acervo próprio de imagens, áudios e vídeos construído ao longo de sete anos de registro da cultura tradicional caiçara com a pesquisa em acervos de diferentes instituições. Assumindo um caráter multidisciplinar, o projeto vai muito além das artes plásticas. Na pintura, os suportes utilizados são diversos e trazem para a superfície a própria matéria do território:

fragmentos de barcos encontrados e tapeçarias de borracha resgatadas de áreas de descarte. Extrapolando o campo pictórico, a pesquisa se desdobra na criação de esculturas, documentários, videoinstalações e um EP visual composto por cinco faixas musicais, configurando uma experiência imersiva e multissensorial. Sob uma ótica de dentro para fora, as obras funcionam como um documentário estético e rítmico, carregado de memórias que traduzem a realidade complexa do bairro.

A pesquisa visual e sonora abarca discussões sobre meio ambiente, racismo geográfico e autoestima periférica, manifestando de forma central a potência da fé local: Sepetiba destaca-se historicamente como o bairro do Rio de Janeiro que possui o maior número de terreiros de religiões de matriz africana, uma centralidade espiritual e ancestral que pulsa diretamente na visualidade, na música e na identidade do trabalho.

Ao mesmo tempo em que celebra essa riqueza cultural, a série tensiona as problemáticas de uma região periférica situada a 80 km do centro da capital, marcada pelo impacto do abandono social e pela atuação de milícias. A degradação da Baía de Sepetiba, severamente contaminada por rejeitos de grandes indústrias e pela inexistência de um tratamento de esgoto adequado, prejudica o turismo e condena o desenvolvimento da economia local, tornando o fazer artístico de Ururahy um manifesto amplo de denúncia, preservação e reexistência.



“Dia 2 de fevereiro”
Técnica: Acrílica e pastel oleoso sobre tela
40 cm X 40 cm

R\$4.000



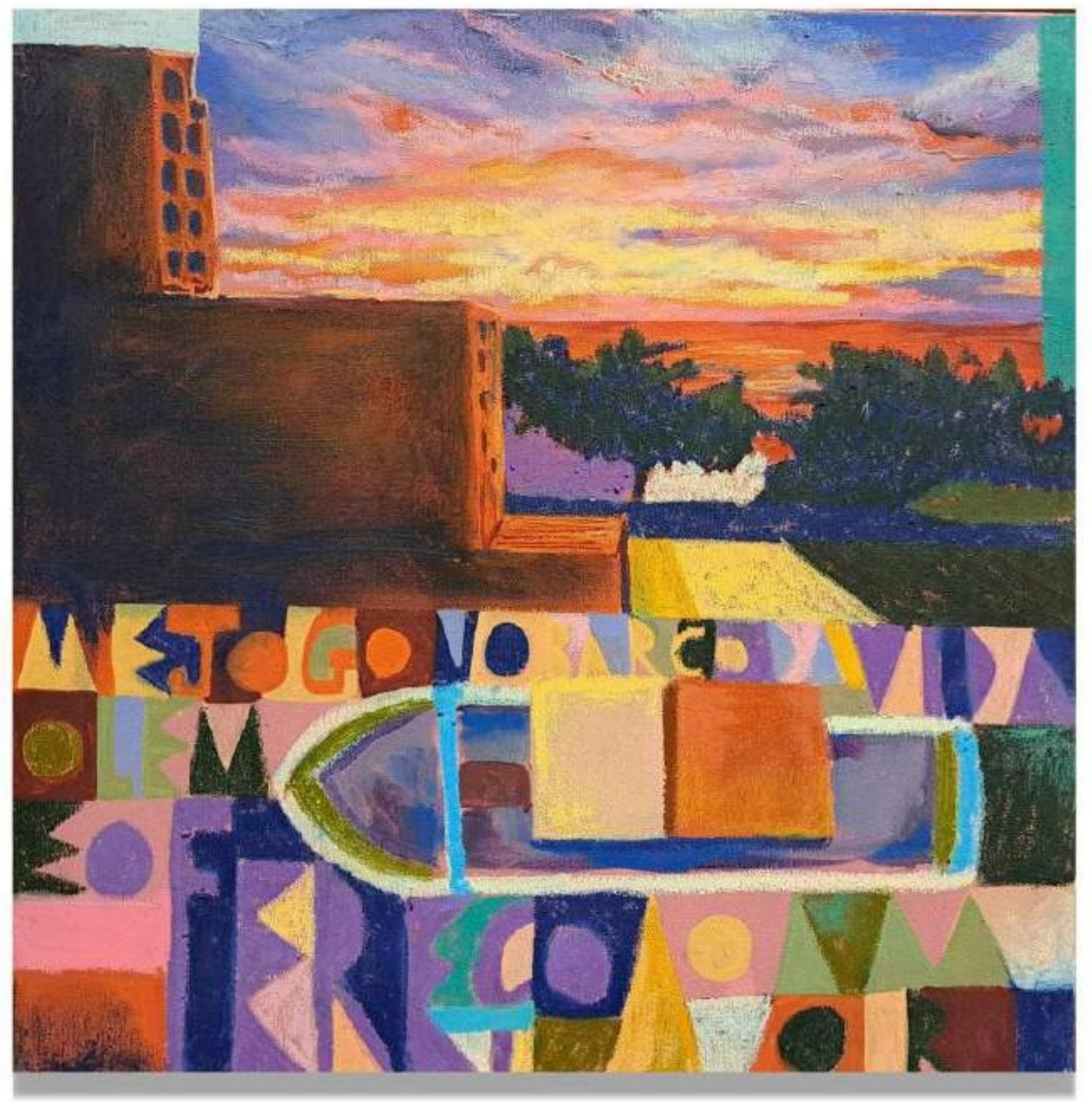
“Rede de pensamentos”
Técnica: Acrílica e pastel oleoso sobre tela
40 cm X 40 cm

R\$4.000



~Chama maré~
Técnica: Acrílica e pastel oleoso sobre tela
40 cm X 40 cm

R\$4.000



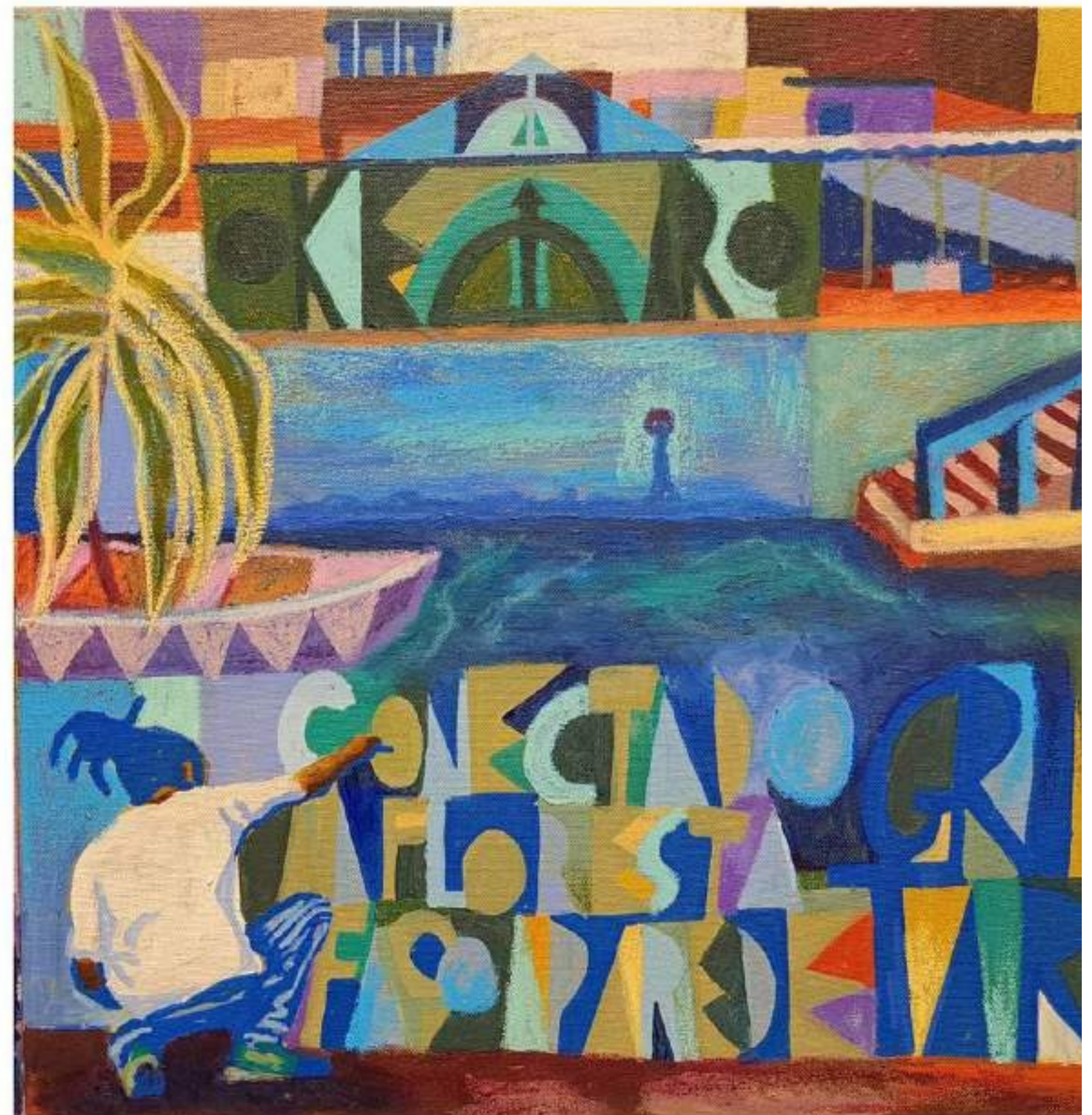
~Visão de cria~
Técnica: Acrílica e pastel oleoso sobre tela
40 cm X 40 cm

R\$4.000



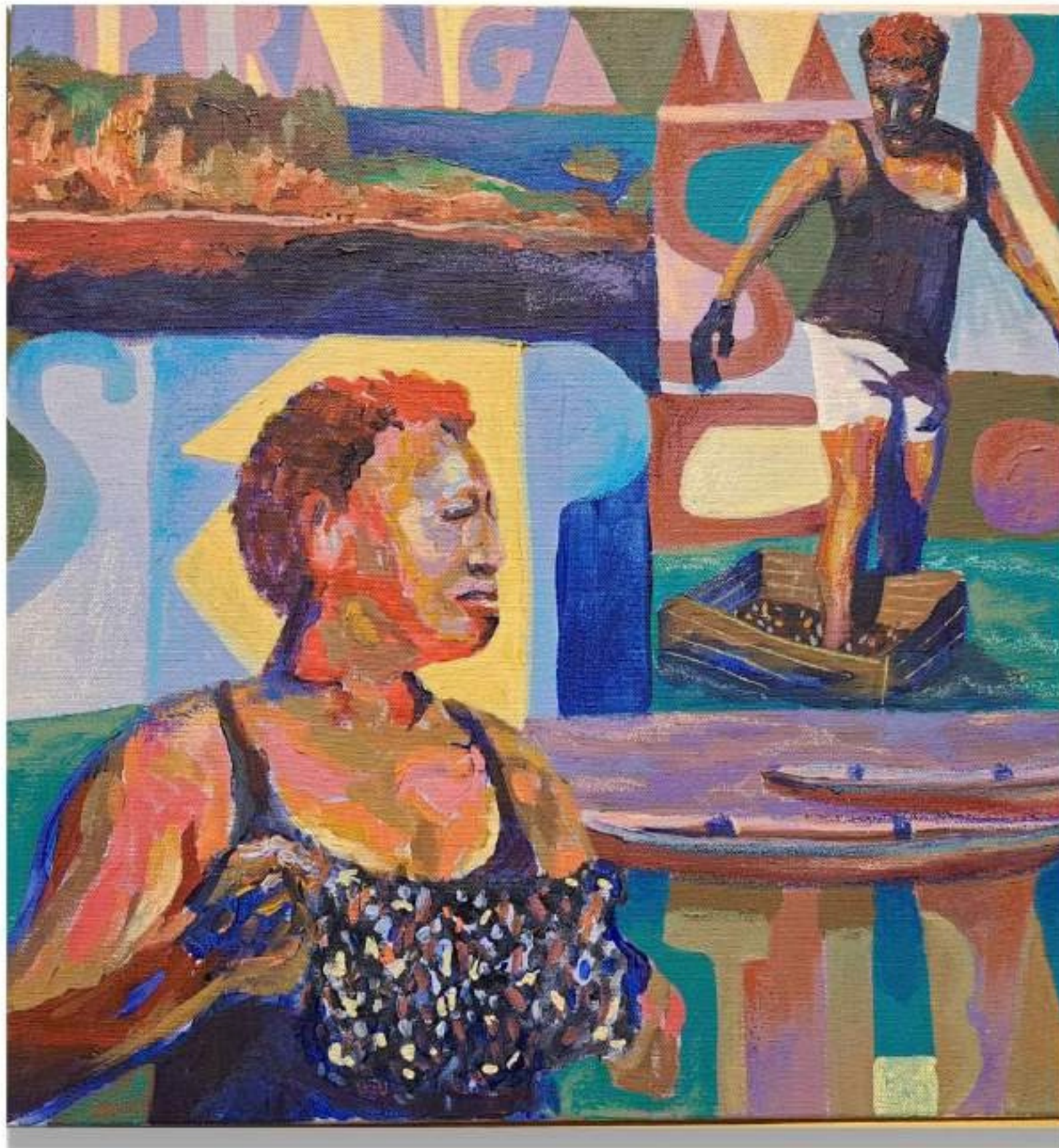
“Há luz na lama”
Técnica: Acrílica e pastel oleoso sobre tela
40 cm X 40 cm

R\$4.000



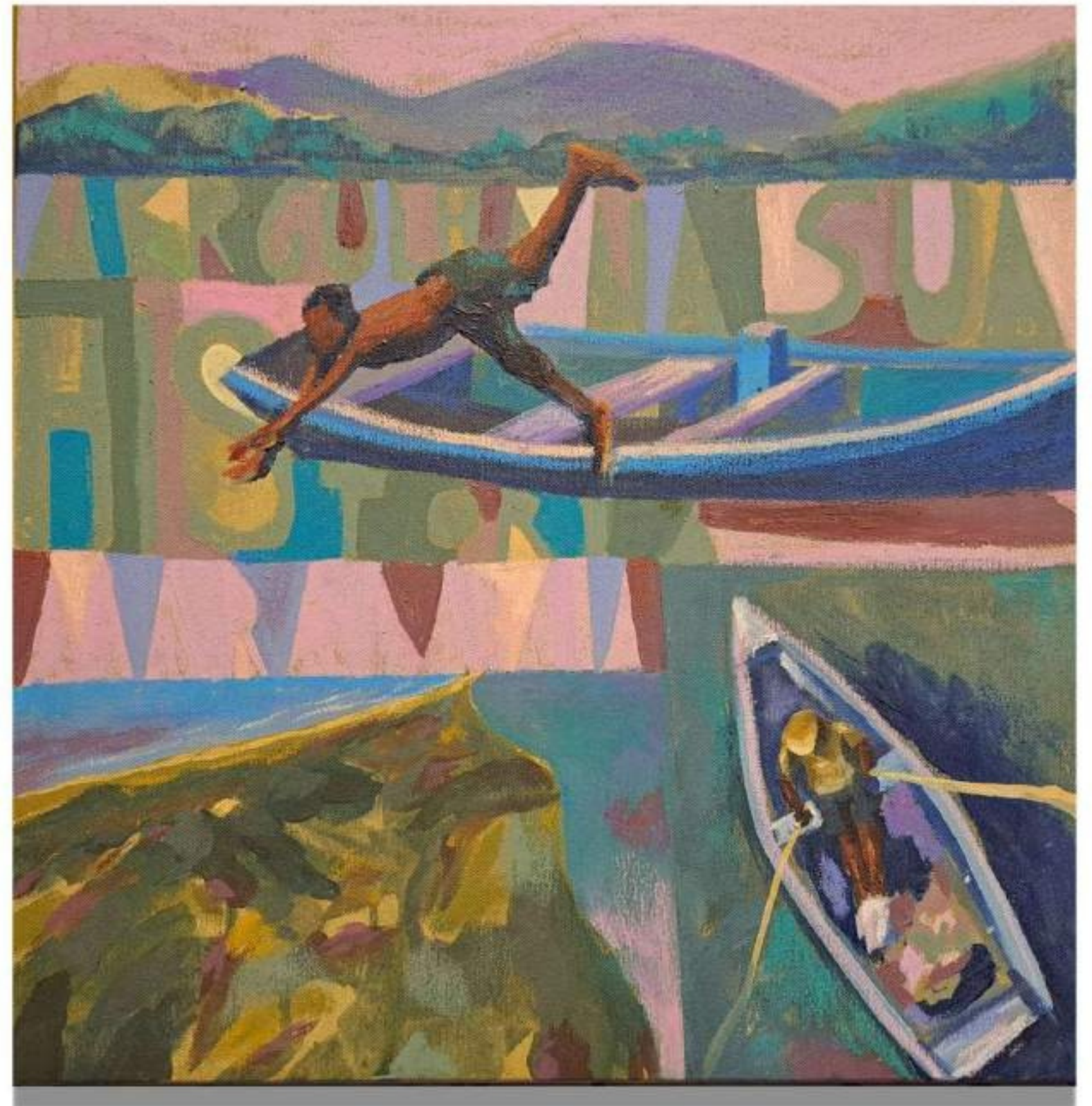
“Okê Arô”
Técnica: Acrílica e pastel oleoso sobre tela
40 cm X 40 cm

R\$4.000



“Marisco R\$10,00 o quilo”
Técnica: Acrílica e pastel oleoso sobre tela
40 cm X 40 cm

R\$4.000



“Mergulho”
Técnica: Acrílica e pastel oleoso sobre tela
40 cm X 40 cm

R\$4.000



O caçador na Marambaia (2024)

160 cm por 100 cm

Técnica mista sobre tela

R\$13.000



O Guará e o Caçador (2024)

160 cm por 100 cm

Técnica mista sobre tela

R\$13.000



Título: O Lar do Boto-Cinza

Série: Mergulha na própria história

Ano: 2023–2024

Técnica: Técnica mista sobre PVC (colagem de gravuras, spray, pastel oleoso e tinta acrílica sobre placa de PVC)

Dimensões: 83 cm × 60 cm

Valor :R\$ 7.150,00



Título: Ponto final

Série: Mergulha na própria história

Ano: 2023-2024

Técnica: Técnica mista sobre PVC (colagem de gravuras, spray, pastel oleoso e tinta acrílica sobre placa de PVC)

Dimensões: 83 cm × 60 cm

Valor :R\$ 7.150,00



Título: Circulando

Série: Mergulha na própria história

Ano: 2023-2024

Técnica: Técnica mista sobre PVC (colagem de gravuras, spray, pastel oleoso e tinta acrílica sobre placa de PVC)

Dimensões: 83 cm × 60 cm

Valor :R\$ 7.150,00



Título: Cidade dormitório

Série: Mergulha na própria história

Ano: 2023-2024

Técnica: Técnica mista sobre PVC (colagem de gravuras, spray, pastel oleoso e tinta acrílica sobre placa de PVC)

Dimensões: 83 cm × 60 cm

Valor :R\$ 7.150,00



Em frente de casa (2024)

100 cm por 80 cm

Técnica mista sobre tela

R\$9.000



Ponte da Marambaia (2025)
Acrilica e gis oleoso sobre tela
80 cm 120 cm

R\$10.000



Okê Arô (2025)
Pintura sobre borracha
reaproveitada de
carpete (24 módulos de
50 x 50 cm)
200 x 300 cm

Valor: R\$ 25.000,00

Caiu na Rede é peixe
(2025) Pintura sobre
borracha reaproveitada
de carpete (24 módulos
de 50 x 50 cm)
200 x 300 cm

Valor: R\$ 25.000,00



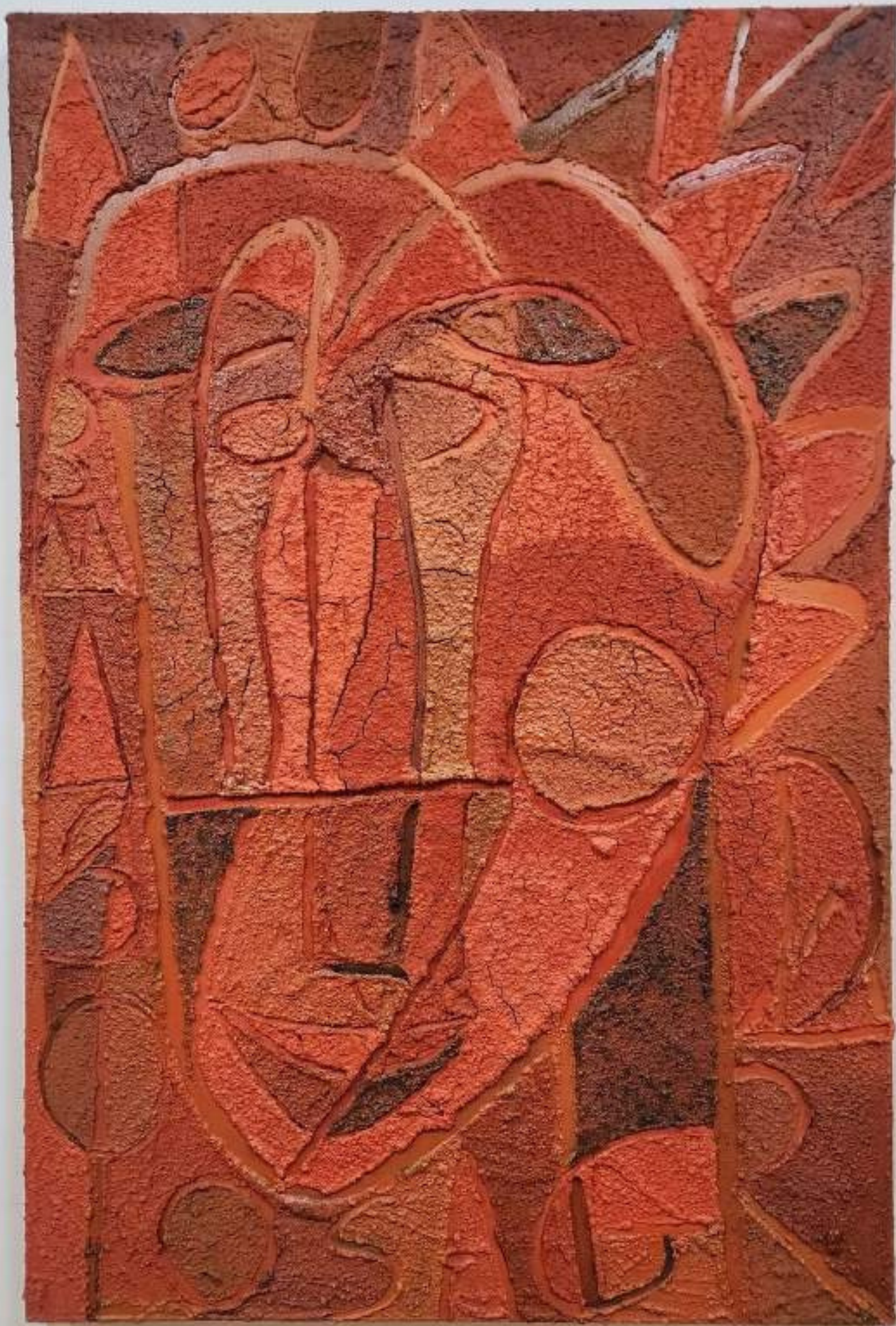
Série “Sambaqui do Ipiranga” (2025–Presente)

A série Sambaqui do Ipiranga investiga as tensões entre a história oficial colonial, a memória coletiva e o apagamento sistêmico da ancestralidade indígena e afro-brasileira na Zona Oeste do Rio de Janeiro. Tomando o território de Sepetiba — lugar de origem do artista — como centro de gravidade de sua pesquisa, Lucas Ururahy utiliza a própria matéria-prima do lugar para escavar narrativas soterradas pelo tempo e pela degradação ambiental.

As obras são desenvolvidas a partir de um rigoroso processo de coleta e descontaminação da lama e da argila do mangue local, que são purificadas e integradas ao pastel oleoso e a materiais orgânicos sobre a tela. Esse gesto artístico opera como uma dupla cura: purifica a matéria intoxicada pelas grandes indústrias e resgata o solo do sambaqui milenar, outrora habitado pelos povos originários Tamoios. A pintura converte-se em escrita pictórica e abstrata; um ato de encantamento e ritual onde a palavra é codificada em relevo, ritmo e cor. Buscando uma autonomia estética diante do desconhecido, o artista originalmente optou por não atribuir títulos individuais às telas, permitindo que a matéria falasse por si.

Contudo, na confluência entre o processo de criação e o espaço institucional, a série revelou sua força mnemônica. Durante a montagem da exposição "Ideias para Adiar o Fim do Mundo" na FGV Arte, sob curadoria de Ailton Krenak e Paulo Herkenhoff, uma das telas principais da série foi batizada por Krenak como "Retrato de Cunhambebe". O mestre e líder indígena identificou na textura e na forma da lama a emergência do grande chefe guerreiro Tamoio, consolidando o caráter da obra como um arquivo vivo de reexistência.

Ao confrontar o "Ipiranga romantizado" dos livros coloniais com o Morro do Ipiranga real de Sepetiba, a série se estabelece como uma contranarrativa política e poética. É um manifesto visual que recusa a estética dos monumentos para criar a partir das margens, dos restos e das frestas, afirmando que a memória da terra permanece pulsante, resiliente e em constante reinvenção.

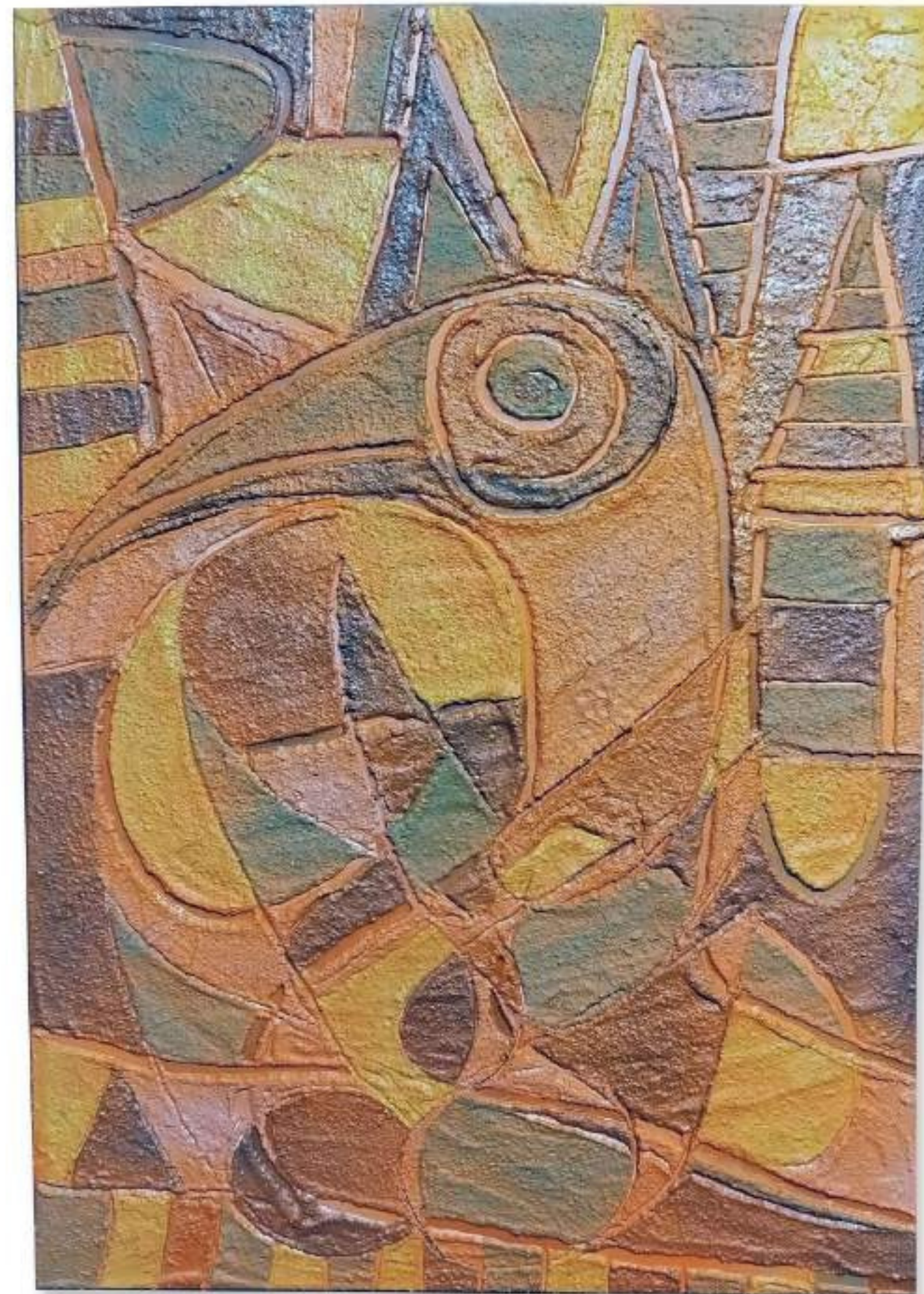


Retrato de Cunhambebe (Série Sambaqui do Ipiranga), 2024-2026. Lama descontaminada de Sepetiba, argila e pastel oleoso e spray sobre tela, 120 x 80 cm. Exposição "IAdiar o Fim do Mundo", FGV Arte.

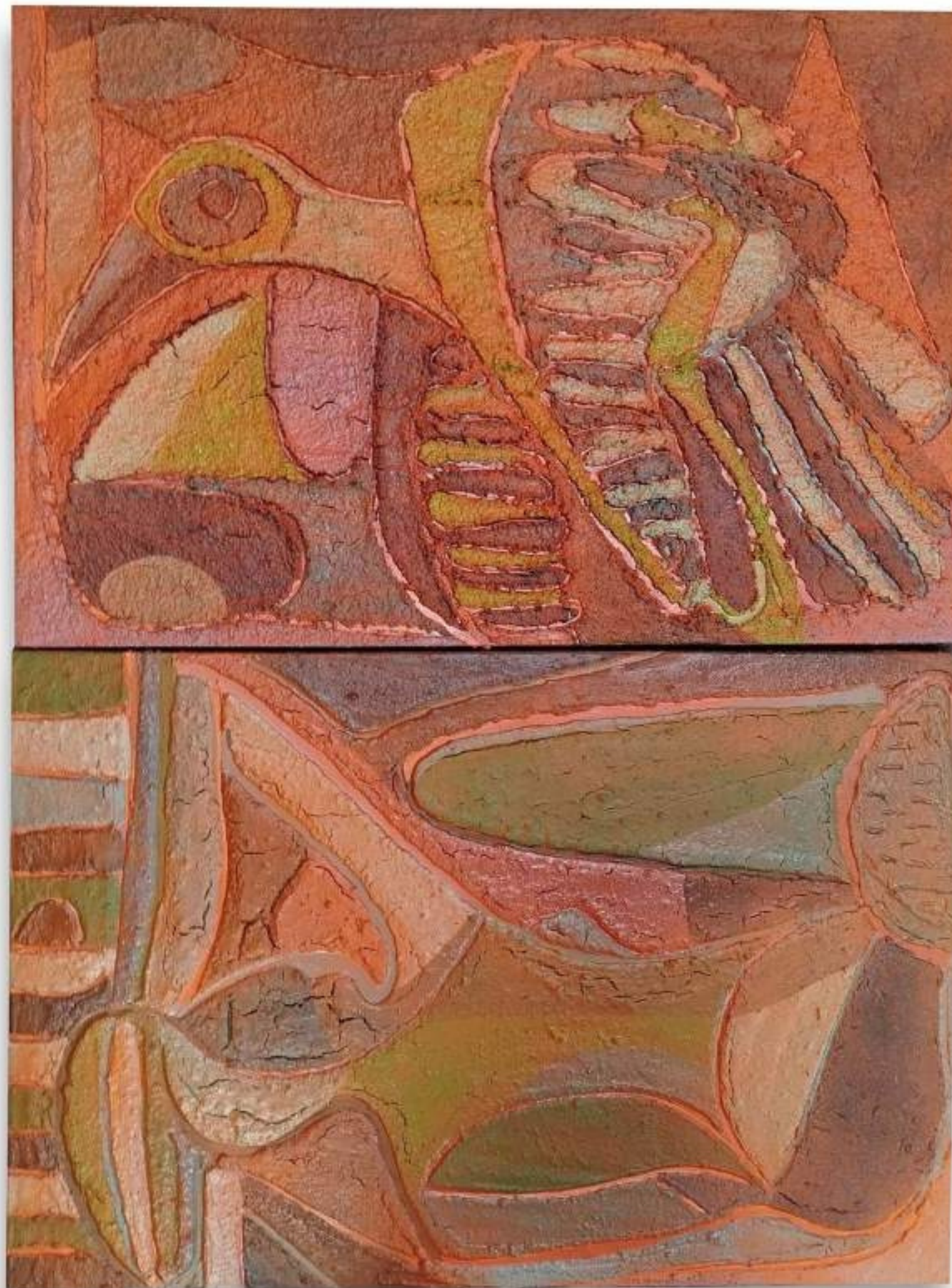
Valor: R\$ 10.000,00



(Série Sambaqui do Ipiranga), -2026 - 100 x 70 cm.
Lama descontaminada de Sepetiba, argila, pastel oleoso e spray sobre tela,
R\$ 8.500,00

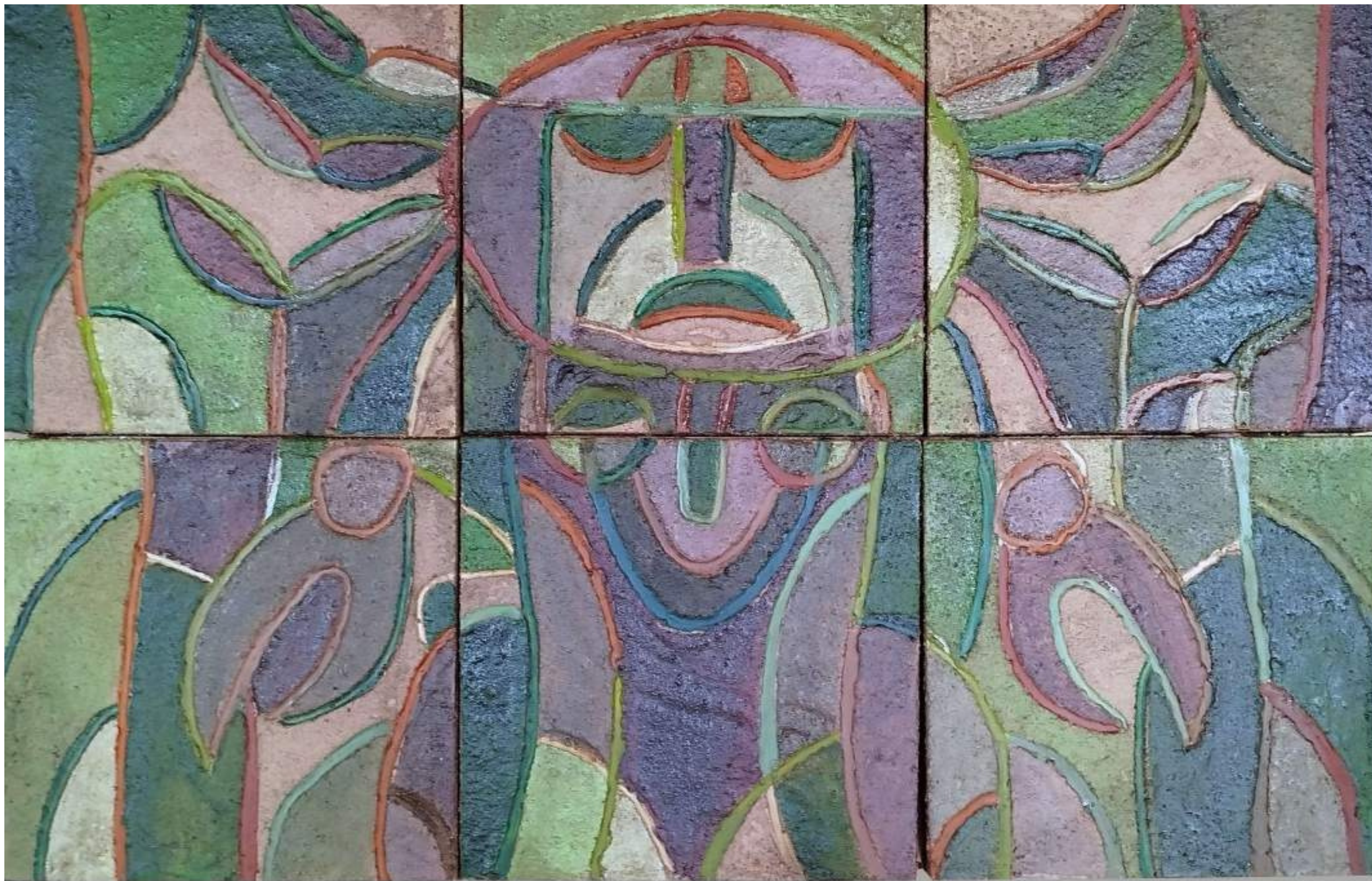


(Série Sambaqui do Ipiranga), -2026 - 100 x 70 cm.
Lama descontaminada de Sepetiba, argila, pastel oleoso e spray sobre tela,
R\$ 8.500,00



(Série Sambaquidolpiranga), -2026 -
140x100cm.
Lama descontaminadade Sepetiba, argila,
pastel oleoso spray sobre tela

R\$ 12.000,00



"Rainha do Mangue" (Série Sambaqui do Ipiranga), -2026 - 80 x 120 cm.
Lama descontaminada de Sepetiba, argila, pastel oleoso e spray sobre tela,
R\$ 10.000,00



(Série Sambaqui do Ipiranga), -2025 - 30 x 30 cm.
argila de Sepetiba, pastel oleoso, tinta oleo sobre tela e Buzios
R\$ 4.000,00



“Há Luz na lama” (Série Sambaquido Ipiranga), -2026 - 80 x 120 cm.
Lama descontaminada de Sepetiba, argila e pastel oleoso sobre tela,
R\$ 10.000,00

Tocando o Barco

Com passagens por instituições como o Museu do Amanhã, MAM Rio e MAC Niterói, o projeto de artes integradas une música, videomapping, performance e forte apelo educativo para propor a "transmutação da travessia" nos espaços de arte contemporânea.

RIO DE JANEIRO, RJ – O que acontece quando um objeto historicamente associado ao labor, à pesca e ao deslocamento marítimo é retirado das águas e levado para o cubo branco dos museus? Para o multiartista e pesquisador Lucas Ururahy, a resposta está na música, na imagem e no encontro. O projeto "Tocando o Barco" estabelece um circuito de artes integradas que converte embarcações tradicionais de madeira em uma frota de esculturas sonoras interativas e dispositivos de audiovisual expandido de grande escala.

Atualmente contando com duas embarcações (Tocando o Barco 1 e Tocando o Barco 2), o projeto propõe o conceito de "transmutação da travessia": o trânsito físico e o esforço do trabalhador do mar transmutam-se em um fluxo poético, sonoro e visual dentro de espaços institucionais. Híbridos com tambores, metais e tubos acústicos, os barcos de aproximadamente quatro metros perdem sua função utilitária original para transformarem-se em corpos-instrumentos de execução coletiva. "O barco deixa de navegar sobre as águas para transitar pelas engrenagens urbanas e da arte. Ele se torna um convite à escuta e um dispositivo relacional. No cotidiano das exposições, a barreira da contemplação passiva é totalmente quebrada: milhares de pessoas, de crianças a idosos, de todos os gêneros e raças, tocam a obra e deixam ali sua marca sonora. A diversidade de quem toca é o que define a melodia da travessia", afirma o idealizador Lucas Ururahy, cuja pesquisa emerge das vivências territoriais de Sepetiba, na Zona Oeste do Rio

de Janeiro. Além do estado expositivo cotidiano — que conta com uma forte proposta de mediação pedagógica conduzida por artistas-educadores —, o projeto deságua em performances marcantes de audiovisual expandido. Sob a direção de Ururahy, uma "tripulação" de músicos e pesquisadores espalha-se ao redor da escultura central em uma dinâmica semicircular de escuta e improvisação.

As apresentações configuram-se como *jam sessions* expandidas onde ritmos afro-brasileiros, matrizes indígenas, jazz, funk carioca, rap e poesia falada se sobrepõem à performance corporal da bailarina Mayara Assis. Paralelamente, as texturas de madeira do barco servem como tela para um sistema de *videomapping*. Imagens da Baía de Sepetiba e arquivos de memória territorial operam de forma responsiva com a engenharia de som multicanal do espetáculo: as frequências capturadas ao vivo alteram e distorcem as projeções em tempo real, gerando uma ambiência sinestésica e imersiva.

Trajetória de Peso

O projeto "Tocando o Barco" carrega um robusto histórico institucional e curatorial. A primeira versão da obra foi comissionada pela **FGV Arte** para a exposição *"A Quarta Geração Construtiva"*, sob curadoria de Paulo Herkenhoff. A evolução do projeto gerou o *Tocando o Barco 2*, comissionado pelo **SESC** para a mostra *"Ribeirar"* no SESC Grussaí, com curadoria de Marcelo Campos. Contemplado também pelo edital Conexão Oceano, o projeto já atracou no **Museu do Amanhã**, além de registrar passagens marcantes pelo **MAM Rio** (Festival LivMundi), **MAC Niterói**, galeria **A Gentil Carioca** (Abre Alas 20), **Museu Bispo do Rosario Arte Contemporânea**, **NOPH** (Santa Cruz) e **Palacete Princesa Isabel**.



Tocando o Barco 1 (2024)
R\$ 50.000,00



Tocando o Barco 2
(2025 Museu do Amanhã
R\$ 80.000,00.

Tocando o Barco 1 (2024 - NOHP)

[Assista o vídeo](#)



Tocando o Barco 2 - Museu de Arte Moderna do Rio





Tocando o Barco 1- Galeria Agentil Carioca

Acervos Institucionais

- Museu de História e Cultura Afro-Brasileira (MUHCAB)

Prêmios, Editais e Reconhecimentos

- Edital Conexão Oceano (2026): Fundação Boticário, UNESCO e Museu do Amanhã.
- Prêmio Transformadores Sociais (2025).
- Projetos Urbanos Oficiais (2024): Pintura das 4 Naves Satélites (Prefeitura do Rio), empena do Projeto Negro Muro (Teatro Municipal do Rio) e BRT Mercado São Sebastião.
- Festival Internacional de Muralismo 33 Grados (2023): Único brasileiro convidado no Uruguai.
- Prêmio de Fomento às Artes - Lei Aldir Blanc (2020).
- Prêmio Ações Locais (2017): Premiação pelo projeto Mariscarte.
- Menção Honrosa: Concedida pela Câmara dos Vereadores do Rio de Janeiro pela relevância cultural.



Exposições Individuais

2025: Chama Maré - Centro Cultural Lado B

2024: Chama Maré - Museu Bispo do Rosário

2024: Tocando o barco – Museu de Arte Contemporânea de Niterói (MAC Niterói).

2019: Amares – Galeria Jeffrey.

2018: O ser ancestral – Fábrica Bhering.

2017: Flor e ser – Centro Cultural Paschoal Carlos Magno.

Exposições Coletivas (Resumo)

2026: Conexão Oceano (Museu do Amanhã); Regresso ao Sertão (Museu Bispo do Rosário); Adiar o Fim do Mundo (FGV Arte); Guanabara Pyranga (Centro de Artes da UFF).

2025: Abre Alas 20 (A Gentil Carioca); Afro Brasilidades (FGV Arte); Chama Maré (Galeria Lado B).

2023–2024: Ribeirar (Sesc Grussaí, 2024); Rios Reais (CC Lado B, 2024); A Quarta Geração Construtiva (FGV Arte, 2023); Abrasar (Galeria Nonada, 2023); Ancestral Contemporâneo (MUHCAB, 2023); Território (UERJ, 2023); Escuta (IMS, 2023).

2016–2022: Do meu lugar faço movimento e NFT Rio (Parque Lage, 2022); Mostra Noix (Parque Madureira, 2022); Imaginário Periférico (Espaço Capiberibe, 2022); Vídeo e Corpo (Centro Cultural Pedro II, 2021); Meu Corpo Todo Sente (Casa Bicho, 2021); Ela (Galpão Bela Maré, 2019/2020); Bela Bienal (CC dos Correios, 2019); Rio Utópico (IMS, 2017); Embrião (Fábrica de Cultura-SP, 2016). Outros destaques incluem o Festival Mov (2021), CAC no MUMA (2019) e Residências internacionais em Soriano, Uruguai (2018/2019).